**Trovadorismo - poesia - Cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer**

A experiência mais criativa e fecunda do **Trovadorismo** - e, portanto, dos primórdios da literatura portuguesa - encontra-se na poesia trovadoresca (e não na prosa, que é tratada num artigo à parte: veja aqui). De um lirismo estranho, quando comparados, por exemplo, à poesia moderna, os poemas dos trovadores podem parecer ultrapassados àqueles que fizerem uma leitura desatenta, superficial.

Massaud Moisés diz bem quando salienta que a poesia trovadoresca "exige do leitor de nossos dias um esforço de adaptação e um conhecimento adequado das condições históricas em que a mesma se desenvolveu, sob pena de tornar-se insensível à beleza e à pureza natural que marcam essa poesia".

Para conhecer as origens da lírica trovadoresca, devemos recordar que, a partir do século 11, e durante todo o século 12, a região da Provença, no sul da França, produziu trovadores e jograis que acabaram se espalhando por vários países da Europa. A influência da poesia provençal chega, inclusive, aos nossos dias. Esses provençais se misturariam aos jograis e menestréis galego-portugueses, dando origem às cantigas que veremos a seguir.

É também da Provença que vem o substantivo "trovador", pois lá o poeta era chamado "troubadour" (enquanto que, no norte da França, recebia o nome de "trouvère"). Nos dois casos, o radical da palavra é o mesmo, referindo-se a "trouver", ou seja, "achar". Os poetas eram aqueles que "achavam" os versos, adequando-os às melodias e formando os cantares ou cantigas.

Para fins didáticos, divide-se a lírica trovadoresca em:

**1. Cantigas de amor**: o trovador confessa, de maneira dolorosa, a sua angústia, nascida do amor que não encontra receptividade. O "eu lírico" desses poemas se revela, às vezes, na forma de um apelo repetitivo, no qual não há erotismo, mas amor transcendente, idealizado. Como exemplo, vejamos esta cantiga de Pero Garcia Burgalês:

Ai eu coitad! E por que vi  
a dona que por meu mal vi!  
Ca Deus lo sabe, poila vi,  
nunca já mais prazer ar vi;  
ca de quantas donas eu vi,  
tam bõa dona nunca vi.   
  
Tam comprida de todo bem,  
per boa fé, esto sei bem,  
se Nostro Senhor me dê bem  
dela! Que eu quero gram bem,  
per boa fé, nom por meu bem!  
Ca pero que lh’eu quero bem,  
non sabe ca lhe quero bem.  
  
Ca lho nego pola veer,  
pero nona posso veer!

Mais Deus, que mi a fezo veer,  
rogu’eu que mi a faça veer;  
e se mi a non fazer veer.  
Sei bem que non posso veer  
prazer nunca sem a veer.   
  
Ca lhe quero melhor ca mim,  
pero non o sabe per mim,  
a que eu vi por mal de mi[m].   
  
Nem outre já, mentr’ eu o sem  
houver; mais s perder o sem,  
dire[i]-o com mingua de sem;   
  
Ca vedes que ouço dizer  
que mingua de sem faz dizer  
a home o que non quer dizer!

**2. Cantigas de amigo**: o trovador apresenta o outro lado da relação amorosa, isto é, assume um novo "eu lírico": o da mulher que, humilde e ingênua, canta, por exemplo, o desgosto de amar e, depois, ser abandonada; ou o da mulher que se apaixonou e fala à natureza, à si mesma ou a outrem sobre sua tristeza, seu ideal amoroso ou, ainda, sobre os impedimentos de ver seu amado. No exemplo a seguir, do trovador Julião Bolseiro, o diálogo se estabelece entre a mulher apaixonada e sua filha, que impede a mãe de ver seu amado:

Mal me tragedes, ai filha,  
porque quer ‘ aver amigo  
e pois eu com vosso medo  
non o ei, nen é comigo,  
no ajade-la mia graça  
e dê-vos Deus, ai mia filha,  
filha que vos assi faça,  
filha que vos assi faça.   
  
Sabedes ca sen amigo  
nunca foi molher viçosa,  
e, porque mi-o non leixades  
ver, mia filha fremosa,  
no ajade-la mia graça  
e dê-vos Deus, ai mia filha,  
filha que vos assi faça,  
filha que vos assi faça.

Pois eu non ei meu amigo,  
non ei ren do que desejo,  
mais, pois que mi por vós v~eo  
Mia filha, que o non vejo,  
no ajade-la mia graça  
e dê-vos Deus, ai mia filha,  
filha que vos assi faça,  
filha que vos assi faça.  
  
Por vós perdi meu amigo,  
por que gran coita padesco,  
e, pois que mi-o vós tolhestes  
e melhor ca vós paresco  
no ajade-la mia graça  
e dê-vos Deus, ai mia filha,  
filha que vos assi faça,  
filha que vos assi faça.

Como salienta Massaud Moisés, analisando essa dualidade amorosa do trovador, "é digna de nota essa ambiguidade, ou essa capacidade de projetar-se na interlocutora do episódio e exprimir-lhe o sentimento: extremamente original como psicologia literária ou das relações humanas, não existia antes do trovadorismo, e nem jamais se repetiu depois".

**3. Cantigas de escárnio e de maldizer**: são poemas satíricos. Nas de escárnio, ressaltam-se a ironia e o sarcasmo. Já as de maldizer são agressivas, abertamente eróticas, a sátira é expressa de forma direta, sem meias palavras, chegando a usar termos chulos. Escritas, às vezes, pelos mesmos autores das cantigas de amor e de amigo, revelam um terceiro "eu lírico", cuja licenciosidade se aproxima da vida das camadas sociais mais populares. Como exemplo, vejamos esta cantiga de maldizer de Afonso Eanes de Coton:

Marinha, o teu folgar  
tenho eu por desacertado,  
e ando maravilhado  
de te não ver rebentar;  
pois tapo com esta minha  
boca, a tua boca, Marinha;  
e com este nariz meu,  
tapo eu, Marinha, o teu;

com as mãos tapo as orelhas,  
os olhos e as sobrancelhas,  
tapo-te ao primeiro sono;  
com a minha piça o teu cono;  
e como o não faz nenhum,  
com os colhões te tapo o cu.  
E não rebentas, Marinha?

Não podemos esquecer que todas essas cantigas eram musicadas. Os trovadores as cantavam, acompanhados de um ou vários instrumentos musicais. E, em algumas situações, elas podiam, inclusive, ser dançadas.

Infelizmente, muitas dessas cantigas acabaram desaparecendo, já que eram transmitidas também por via oral. Alguns manuscritos, contudo, foram compilados em obras a que damos o nome de "cancioneiros", quase sempre graças às ordens dos reis. Assim, as cantigas hoje existentes podem ser encontradas em três cancioneiros:

a) Cancioneiro da Ajuda (composto no reinado de Afonso 3º, no final do século 13, tem 310 cantigas, a maioria de amor;  
b) Cancioneiro da Biblioteca Nacional (ou Cancioneiro Colocci-Brancuti): contem 1.647 cantigas, de todos os tipos, elaboradas por trovadores dos reinados de Afonso 3º e dom Dinis.  
c) Cancioneiro da Vaticana: possui 1.205 cantigas de todos os tipos.

Entre os principais trovadores, devemos citar: João Soares Paiva, Paio Soares de Taveirós, dom Dinis (que deixou cerca de 140 cantigas líricas e satíricas), João Garcia de Guilhade e Martim Codax.